

## **NÃO EXISTEM PASSOS PERDIDOS<sup>1</sup>**

Repensar as zonas de confluência entre arte, pensamento e educação é a mola mestra da revista AO LARGO que apresenta nesse seu número de estreia algumas vozes contemporâneas que iluminam, sob diversas perspectivas, tal aproximação. Nossa proposta é a de acolher expressões que potencializem a discussão dessas dimensões que, quando articuladas, permitem uma reflexão mais profunda de suas implicações.

No rastro de uma linha filosófica que acredita na errância como constitutiva do próprio pensamento, no desvio como método, AO LARGO estaria mais próxima da proposta surrealista, na crença de que *não existem passos perdidos*. A ideia é a de oferecer um espaço em que as fronteiras sejam vulneráveis a diferentes pontos de vista e num mesmo gesto, assegurar a força criativa da experiência singular. Nosso desejo é o de aproximar o mais possível arte, pensamento e educação, acreditando numa *estética encarnada* como condição de possibilidade tanto ao pensamento como à educação.

Como abertura, apresentamos uma entrevista com a professora Maria Cecilia Almeida e Silva que defende uma pedagogia na qual a arte assume um lugar central. Uma vez que não responde às interrogações fundamentais do ser humano, a razão sabe que precisa ser ultrapassada, clama por transcendência. É nessa brecha aberta que a arte faz-se insubstituível. Segundo Maria Cecilia, “a arte enfeitiçaria a educação na medida em que a educação se tornasse uma obra de arte, processo de criação, e a pedagogia se transformasse numa pedagogia da alma.”

No primeiro artigo, Maria Continentino nos convida a refletir, a partir do filósofo Jacques Derrida, na aproximação das experiências das obras de arte e das obras do pensamento. Ambas teriam como origem uma dimensão inventiva. Entretanto, no instante mesmo “em que o inventado tem lugar, ele já pertence à ordem do mesmo.” O pensamento de Derrida reconhecido como um

---

<sup>1</sup> BRETON, A. *Nadja*. São Paulo: Cosacnaify, 2007, p.71.

*pensamento do impossível* se instaura nesse limite, problematizando exatamente a contaminação das fronteiras, uma vez que o discurso filosófico responde a um chamado e, ao mesmo tempo, se depara com a sua própria impossibilidade de expressão. Nas palavras de Maria Continentino, “a impossibilidade de dar forma à alteridade inspiradora fica marcada na obra como a sua ruína, como o segredo desconhecido da sua origem.”

Marlon Miguel nos apresenta o pensamento de Fernand Deligny e sua experiência pedagógica na França do século XX. Contra uma política educacional fundada no princípio de formar uma *juventude eficaz*, Deligny se insurge e propõe uma educação capaz de emancipar o indivíduo para que ele possa “encontrar espaços para agir”. Inserindo-se nas brechas e retrocedendo ao momento anterior a qualquer significação – “a palavra, antes de querer dizer alguma coisa, antes de significar, é um simples *traçar*” – Deligny valoriza o gesto destituído de qualquer significado e aberto a várias possibilidades no encontro com uma imaginação ativa. Cabe ao educador a tarefa de criar espaços para que a imaginação subjetiva e passiva ganhe forças e se expresse no coletivo como imaginação ativa, criadora de novos sentidos. “É através do coletivo que os indivíduos isolados, dispersos, poderão se dar conta de que participam de algo e que juntos serão capazes de agir.”

O ensaio de Paula Padilha aproxima o pensamento de Walter Benjamin do Movimento Surrealista, assumindo a infância como o elo mais forte que perpassa essa relação e valorizando a imagem como um poder expressivo para além da fala. A proposta de *explodir* fronteiras, comum aos artigos de estreia de AO LARGO, é apresentada aqui na relação entre sonho e vigília. “Há também o pressuposto de uma errância a serviço de uma força que se situa nesse limiar.” De certa forma, essa errância se manifesta na escrita de Paula Padilha mais próxima de uma montagem em que as questões ganham contornos mais ou menos nítidos de acordo com a sua apresentação. Sonho, infância e história são permeados por uma temporalidade intensiva, conhecida como *jetztzeit* e designada pela autora de *tempo inteiro*. Tanto Benjamin, quanto os surrealistas “querem distância de qualquer amarra à criação, num

sentido amplo, qualquer amarra à própria existência, ou seja, qualquer impedimento à invenção de um novo estilo de vida – à invenção da vida.”

No último artigo desse número de AO LARGO, Rodrigo Brum nos apresenta um recorte sobre o sentido de *ensaio* afastando-o do conhecido ensaio literário e definindo-o “como aquele período de provação pelo qual se deve passar antes de a obra ser efetivada enquanto obra,” a partir de obras de três autores: Tchekhov, Kuleshov e Coutinho. Mais uma vez a reflexão aponta para um instante anterior à cena, anterior ao espetáculo, e destaca o ensaio como esse lugar privilegiado. Através de dinâmicas singulares em cada caso, a partir do processo de cada autor, Rodrigo destaca o espaço entre a proposta de uma obra, o que ela poderia ter sido e “como não são exatamente os grandes acontecimentos que definirão a ação, mas a sua espera”.